

A nova Biblioteca de uma fênix que renasce

O suntuoso edifício, concluído em 2002, custou 212 milhões de dólares, boa parte dos quais pagos pela UNESCO. É um espaço que abriga 4 milhões de livros, acervo bem inferior ao da Biblioteca do Congresso dos EUA (18 milhões) e ao da Biblioteca Nacional da França (12 milhões). No granito do frontispício da face sul, foram gravadas as letras de todos os alfabetos das civilizações antigas e modernas.

Porém, mais do que o acervo e a suntuosidade, o soerguimento da nova Biblioteca enseja um simbolismo histórico extraordinário. Tal qual a fênix (ave majestosa que, segundo a tradição egípcia, vivia séculos e, quando queimada, renascia das próprias cinzas), ressurgiu da antiga Biblioteca destruída pelas chamas provocadas pela insanidade belicosa dos romanos e pela intolerância religiosa.

Alexandria, às margens do Mediterrâneo, reinou quase absoluta como centro da cultura mundial no período do séc. III a.C. ao séc. IV d.C. Sua famosa Biblioteca continha praticamente todo o saber da Antiguidade, em cerca de 700 mil rolos de papiros e pergaminhos. Seu lema era “adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra.” Era frequentada pelos mais conspícuos sábios, poetas e matemáticos. Nela, fez-se a primeira tradução do Antigo Testa-

©Stephen Coburn/PhotoXpress



Alexandria: das cinzas



mento, do hebraico para o grego. Sua destruição talvez tenha representado o maior crime contra a ciência e a cultura em toda a história da humanidade.

Em 48 a.C., envolvendo-se na disputa entre a voluptuosa Cleópatra e o irmão, o imperador Júlio César e seus 4 mil legionários incendiaram a esquadra egípcia ancorada no porto. O fogo se propaga e destrói parte do acervo da Biblioteca.

Depois que o imperador Teodósio baixou um decreto proibindo as religiões pagãs, o bispo Teófilo — patriarca de Alexandria de 385 a 412 d.C. — determinou a queima de todas as seções que contrariavam a doutrina cristã.

Em 640 d.C., o califa Omar ordenou que fossem destruídos pelo fogo todos os livros da Biblioteca, sob o argumento de que “ou os livros contêm o que está no Alcorão e são desnecessários ou contêm o oposto e não devemos lê-los.”

Todos os grandes geômetras da Antiguidade se debruçaram sobre seus vetustos pergaminhos e papiros. Euclides (325 - 265 a.C.) fundou a Escola de Matemática na renomada Biblioteca. A mais conspícua obra de Euclides, *Os elementos*, constitui um dos mais notáveis compêndios de matemática de todos os tempos, com mais de mil edições desde o advento da imprensa (a primeira

versão impressa apareceu em Veneza, em 1482). Segundo George Simmons, “a obra *Os elementos* tem sido considerada responsável por uma influência sobre a mente humana maior que qualquer outro livro, com exceção da Bíblia.”

A Biblioteca de Alexandria estava muito próxima do que se entende hoje por Universidade. E se faz apropriado o depoimento do insigne Carl B. Boyer, em *A história da matemática*: “A Universidade de Alexandria, evidentemente, não diferia muito de instituições modernas de cultura superior. Parte dos professores provavelmente se notabilizou na pesquisa, outros eram melhores como administradores e outros ainda eram conhecidos pela capacidade de ensinar. Pelos relatos que possuímos, parece que Euclides definitivamente pertencia à última categoria. Nenhuma nova descoberta lhe é atribuída, mas era conhecido por sua habilidade de expor. Essa é a chave do sucesso de sua maior obra, *Os elementos*.”

Quem também estudou na “universidade” em epígrafe, quando jovem, foi Arquimedes (287 - 212 a.C.), cuja genialidade como físico-matemático só é comparável à de Newton e Einstein. Arquimedes retornou a Siracusa, na Sicília, cidade que em 212 a.C. foi invadida pelas hostes romanas que promoveram pilhagens e sangrenta matança. Conta-se que um soldado

aproximou-se de um encanecido senhor de 75 anos, que, indiferente à chacina, desenhava diagramas na areia. Absorto, balbuciou: “Não perturbes os meus círculos.” O soldado, enraivecido, trespassou-o com a espada. Foram as derradeiras palavras de Arquimedes.

Em grata reverência aos seus antepassados, apropriadas são as palavras de Isaac Newton (1643 - 1727): “Se pude me erguer tão alto, é porque me alcei sobre ombros de gigantes.”

A história das Ciências mostra que as formulações, inicialmente tênues e difusas, percorrem um espinhoso caminho até atingir a magnitude do seu desenvolvimento. E, em cada geração, novos andares são construídos sobre a antiga estrutura. Assim caminha a humanidade...

Se é inexorável a marcha do aprimoramento científico, artístico e até humano, continuamos convivendo com os mesmos fatores que destruíram a antiga Biblioteca: o belicismo e a intolerância religiosa. A propósito, o livro anti-islâmico *Versos satânicos* está ausente nas prateleiras da nova Biblioteca. Bom se todos entendessem que o mundo é diverso, mas não adverso. ■

*Diretor de escola, presidente do Sinepe/PR, professor aposentado

jacirventuri@hotmail.com